



UNICAMP

P29.13

EVENTO: "PERFORMANCE DO ABT É DECEPCIONANTE"

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 06 de Setembro de 96

PÁGINA: D-12

SEÇÃO: CADERNO 2



FIM DE SEMANA

Performance do ABT é decepcionante



A noite de estréia do American Ballet Theatre em São Paulo foi tão infeliz que duas bailarinas chegaram a cair: quando não dá certo, a frustração se democratiza entre quem faz e quem assiste ao espetáculo

American Ballet Theatre tem desempenho desleixado em programa que poderia ter sido deslumbrante e ainda pode ser visto hoje, em duas sessões, no Teatro Municipal

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Preços mais altos que os de Primeiro Mundo, mas com um desempenho desleixado (Terceiro Mundo não inspira?), o American Ballet Theatre estreou anteontem, no Teatro Municipal de São Paulo, um programa que poderia ter sido deslumbrante e ainda pode ser visto lá, hoje, em duas sessões: às 15 horas e às 20h30.

O tamanho do palco pode ter constrangido a companhia. Tudo ficou fora da proporção desejada. *The Elements*, a mais recente contribuição de Twyla Tharp para o ABT, parecia um rascunho do que foi dançado no MET. Apenas os experts em Twyla devem ter conseguido se surpreender com a inteligência que ela despeja aqui, sem medida.

Peça intrincada tanto pelos passos difíceis quanto pelas dinâmicas inteiramente inusitadas, *The Elements* exige um desempenho sem senões. Como perceber todas as contaminações com a cultura pop, se as zonas de fronteira não estiverem demarcadas com clareza?

Do modo como foi dançada na noite de estréia, vedou ao público paulista a chance de perceber que Twyla Tharp estava organizando a passagem do caos para a ordem, não apenas na distribuição espacial da coreografia como também na construção dos passos pelos corpos dos bailarinos. A todo momento há um chamado para a desordem e dela, uma volta para o eixo vertical, organizador, do balé. É um jogo de cintilâncias. Tira o fôlego. Mas não aqui, não assim.

Em *The Leaves Are Fading*, o problema foi outro. Faltou aquela elegância, aquele requinte com que Tudor assina seus balés. É preciso que a fluência que ele escolheu como tônica para *The Leaves* escorra, se desmanche no ar. Portanto, o ar — a medida certa do espaço — não pode faltar. A mágica só ocorre quando se cria o tom outonal. Quando não, a monotonia toma o seu lugar.

Porque em *The Leaves Are Fading*, embora os casais sejam apaixonados, não é disso que se trata. As emoções, para Tudor, nunca contaram pelo aspecto dramático e sim pelo significado psicológico. Por isso, a ênfase fica na fluidez das linhas, no seu desaguar. Quando o tom certo surge, a cena alcança as sutilezas da partitura musical. Quando não, passamos a ver folhas caindo e não mo-

vimentos se dissolvendo.

O pas des deux de *O Corsário*, incluído a pedido do patrocinador, não teve bom resultado, infelizmente. Um Charles Askergaard pesado e com braços fora do eixo conduziu muito mal uma Susan Jaffe em noite infeliz. Não porque seus fouettés não tivessem dado certo, mas porque esse, com certeza, não é o papel que melhor apresenta suas excepcionais qualidades.

Pequena amostra — Em *Theme and Variations*, Paloma Herrera e Angel Corella puderam dar uma pequena amostra do potencial que a química dos dois porta. Ela, uma estrela mesmo, segura em seus tempos musicais muito pessoais, em um certo carisma que é propriedade privada de uns poucos eleitos. E ele, um fazedor de desempenhos que espantam pela velocidade, pela agilidade, pela altura e pelo prazer.

Corella parece muito feliz quando salta ou gira muitas piruetas. Seu problema, ao contrário do da maioria dos mortais, não está em conseguir virtuosismos.

mo. Isso ele tem, de sobra. O que falta é ter tido uma boa escola (que é o que Paloma, por exemplo, teve). E isso se percebe quando o bailarino está simplesmente andando ou fazendo coisas mais simples.

A noite foi tão infeliz para o ABT que duas bailarinas caíram (no Rio de Janeiro, numa das noites de *La Bayadère*, foram três tombos desses). Quando não dá certo, a frustração se democratiza entre quem faz e quem assiste ao espetáculo.

Quem sabe essa temporada do ABT esteja sendo vítima do conto da Cinderela. A companhia pode estar cansada demais e, nessa turnê, as 12 badaladas já soaram. Será que a mágica se desfaz e o ABT, que estava sendo saudado pela recuperação de uma excelência de desempenho, em junho último, em Nova York, está quase virando abóbora, de novo?

SERVIÇO

American Ballet Theatre.

Apresentação das coreografias *'The Elements'*, de Twyla Tharp; *'Dom Quixote'* (pas des deux), de Marius Petipa; *'O Corsário'* (pas des deux), de Marius Petipa; *'Themes and Variations'*, de Balanchine. Hoje, às 15 horas e 20h30. Ingressos: de R\$ 20,00 a R\$ 150,00. Teatro Municipal. Praça Ramos de Azevedo, s/nº, 222-8698. Último dia



Paloma Herrera, em 'Romeu e Julieta': este ano em Nova York



A bailarina, em 'Dom Quixote': no Metropolitan Opera House

Iniciativa privada investe na cultura

Parceria permite conhecer grandes nomes das artes do circuito internacional

BEATRIZ VELLOSO
Especial para o Estado

Ninguém duvida que o conceito de parceria com a iniciativa privada está em alta nos últimos tempos. Mas, no mercado cultural, existem poucos exemplos de parcerias bem estabelecidas e aproveitadas ao máximo. Um deles é a empresa Antares. Graças a um belo acordo com a seguradora Sul América, a empresária Maria Rita Stumpf conseguiu trazer este ano ao Brasil grandes nomes das artes na Europa, no Canadá e nos EUA. Até o final do ano, mais gente virá ao País por meio da Antares e a programação de 1997 também promete ser farta e de qualidade.

Para se ter uma idéia, até agora Maria Rita trouxe para apresentações aqui os sopranos Kathleen Battle e Harolyn Blackwell. Na dança, a Antares deu às platéias brasileiras a

oportunidade de ver grupos como o Complexions (EUA), Nederlands Dans Theater 3 (Holanda), Companhia Nacional de Dança (Espanha), O Vertigo (Canadá) e o American Ballet Theatre, que encerrou o projeto Antares Dança. Nos próximos meses, a empresa se volta para a música clássica e lírica.

Da Hungria, a Orquestra de Câmara Franz Liszt traz um repertório barroco ao Rio no dia 27 deste mês (em São Paulo, a orquestra se apresenta de 24 a 26, trazida pela Sociedade Brasileira de Cultura Artística). No campo da ópera, duas vozes aclamadas fecham o que Maria Rita chama de "as quatro divas no Brasil": depois de Kathleen Battle e Harolyn Blackwell, vêm June Anderson e Cecilia Bartoli.

A primeira se apresenta dia 15 no Rio e dias 17 e 19 em São Paulo (as apresentações na Capital foram contratadas pelos Patronos do Teatro Municipal). Cecilia Bartoli, que no ano passado cancelou uma turnê pelo País, agora vem para valer. Trata-se de mais uma dobradinha entre a Antares no Rio (em 19 de novembro) e a Sociedade de Cultura Artística em São Paulo



Maria Rita Stumpf, da Antares: "Estão percebendo que cultura é bom negócio e dá retorno"

(em 8, 10 e 13 de novembro).

Maria Rita Stumpf já concentra seus esforços no ano que vem e já faz mil planos. Seguindo a política de convidar grandes companhias de dança, ela vai trazer ao Brasil, em 1997, o Nederlands Dans Theater 1 (NDT1), com o coreógrafo Jiri Kylian. O outro banho de criatividade deve ficar por conta da americana Pilobolus, companhia que revolucionou muitos conceitos da dança contemporânea e vai mostrar que continua em busca de movimentos e funções

para os corpos dos bailarinos.

Outras três atrações ainda estão em fase de negociação para completar o projeto Antares Dança do ano que vem: o bailarino americano Daniel Ezralow, o espanhol Joaquín Cortes com sua *Paixão Cigana*, e os ingleses do Phoenix Ballet, sediada na cidade de Leeds. Maria Rita acredita que a iniciativa privada decidiu entrar com força no mecenato cultural e comemora: "Estão percebendo que investir em cultura é bom negócio e dá retorno."